

EDITORIAL

O avanço da pesquisa no apoio ao setor agrícola empresarial foi intenso, durante mais de 5 décadas, formando quadros nas escolas e instituições articuladas em poderosas redes internacionais, entregando resultados a baixo custo e/ou subsidiados para que o agronegócio se transformasse na potência que se conhece. Os efeitos colaterais dessa política internacional sobre o meio ambiente e os seres humanos não foram contabilizados como negativos e ainda hoje permanecem carecendo de críticas e um embate que neutralize essas consequências sabidamente desastrosas e ameaçadoras. Por outro lado, a produção orgânica e com pegada agroecológica no sentido mais radical permanece minoritária, carente de investimentos em pesquisa e formação de quadros para potencializar a produção de conhecimentos que permitam uma virada saudável nesse campo.

A Revista Agricultura Familiar traz, nesse número, uma contribuição, quem sabe a semente de um movimento para fazer os ajustes necessários nos rumos da pesquisa nacional e internacional voltada para a produção agrícola de caráter familiar, consumida em mercados locais ou de circuitos curtos de comercialização, em que os produtores e consumidores estejam associados e conscientes de que um mundo de soberania e segurança alimentar ainda seja possível.

Este volume 16 que corresponde aos números 1 e 2 se inicia com um artigo sobre o cultivo de cogumelos comestíveis em substrato feito com resíduos de tabaco. Desenvolvido por discentes e pesquisadores da Fundação Universidade Federal do Pampa oferece uma alternativa para o cultivo de *Pleurotus ostreatoroseus* e instiga a reflexão sobre a produção desta espécie como possível integrante da dieta alimentar de seres humanos. Em seguida temos um artigo desenvolvido por estudantes e docentes da Universidade Federal de Alagoas que trata da identificação dos principais cultivos e o manejo adequado no controle de pragas e doenças em Assentamento de Reforma Agrária no Estado de Alagoas, com orientação para produtos da agricultura familiar.

Os artigos seguintes tratam, respectivamente do uso de caldas biofertilizantes em morangueiros e do controle doenças em cultivos orgânicos dessa mesma espécie. O que trata das caldas biofertilizantes foi conduzido por pesquisadores da Universidade Estadual de São Paulo em área de Colégio Agrícola situado em Palotina, no Estado do Paraná. O que se debruça sobre controle das doenças com uso de produtos naturais tem como autores pesquisadores da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e da Universidade Federal do mesmo estado.

Voltando o olhar para aspectos socioeconômicos do Estado de Goiás, pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica desta unidade federativa constroem uma metodologia para análise dos resultados financeiros da produção agropecuária tomando como base dados do censo de 2017 para 10 municípios goianos com diversos desempenhos amostrais.

O quinto artigo tem como principal foco a alimentação alternativa de aves e por isso investe na caracterização das propriedades químicas de vegetais com potencial nutricional para galinhas poedeiras, quais sejam “...orapropis, leucena, moringa, mandioca, amendoim forrageiro e feijão guandu; grãos de feijão guandu e caruru; e sementes de leucena foram avaliadas quanto à umidade, matéria seca, matéria orgânica e inorgânica, lipídeo, proteína bruta, fibra bruta e extrativos não nitrogenados”. Aparecem como seus autores pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, em Araras, São Paulo.

O sétimo artigo, escrito em inglês por pesquisadores que estabeleceram o experimento em área da Universidade Federal de São Carlos, em Araras, São Paulo analisa o aumento das dosagens de biofertilizantes alternativos em cultivos de alface, podendo ser

estendido para outros produtos de curto ciclo. É referencial importante pelo caráter de recurso renovável que poderá se constituir em alternativa ao uso de produtos químicos amplamente difundidos nesse cultivo.

A produção de batata doce na Serra da Ibiapaba, no Ceará é analisada no oitavo artigo que compõe esse volume da Revista, oferecendo-se uma visão panorâmica desse cultivo no Estado do Ceará e em particular nesse microclima do nordeste brasileiro, em contraponto com o que ocorre no restante do país. Participam dessa elaboração como autores um pesquisador da Universidade Estadual de São Paulo e outro da Universidade Federal do Ceará.

O Estado do Piauí é conhecido pela baixa pluviosidade e dificuldades econômicas decorrentes da situação climática. Focando nos aspectos pluviométricos, os autores fizeram comparações sobre a produção e produtividade tanto na Agricultura Familiar como na patronal em municípios localizados no semiárido e fora desse bioma, confirmando a maior relevância nos que se localizam em áreas externas ao semi-árido.

Para encerrar a sessão de artigos temos um texto sobre a produção de alface na Amazônia de autoria de pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas demonstrando a necessidade de incorporação de fosforita aos adubos orgânicos para maior eficiência no cultivo de alface orgânico.

A resenha do professor da Universidade Federal do Pará, Gutemberg Guerra (Número 01 desse volume), apresenta a leitura do livro intitulado *À sombra da floresta. A Amazonia no jornalismo de televisão*, decorrente da tese de doutorado da Professora Vania Maria Torres Costa e que trata sobre como a região é representada no telejornalismo de massa, em particular nas versões dos programas especiais da Rede Globo elaboradas por profissionais do Sudeste do Brasil. O livro é uma excelente e densa reflexão que traz conteúdo imprescindível para se entender a (im)pertinência e contradições das intervenções que a Amazônia vem sofrendo.

Juntam-se, assim, dez artigos e uma resenha compondo esse volume (números 1 e 2) da Revista Agricultura Familiar, com abordagens técnicas e suporte teórico metodológico consagrado pela pesquisa agrônômica, cobrindo praticamente todas as regiões do país. Eles veem alimentar o conjunto de conhecimentos e reflexões sobre cultivos domesticados e técnicas agrícolas modernas em uma área de debate em que se faz necessário a incorporação de tecnologias e de práticas agrícolas adequadas aos pequenos produtores locais situados em todo o território nacional. Contamos com a atenta leitura de nosso público e esperamos manter o diálogo sobre as relações homem e natureza que regem as nossas práticas acadêmicas.

Os Editores

Dr. William Santos de Assis
Dr. Gutemberg Armando Diniz Guerra
Dr. Flávio Bezerra Barros